



Miguel Najdorf defronta os melhores xadrezistas portugueses, na Sociedade de Geografia, causando a mais forte das impressões em todos os entendidos!

UM GENIO DO XADREZ EM PORTUGAL

O homem que, na pretérita semana, defrontou alguns dos melhores xadrezistas portugueses, é, na realidade, um grande mestre. Chama-se Miguel Najdorf.

A sua classe, que, neste género de exhibições, brilha com fulgor inextinguível, é simplesmente espantosa. É de facto o jogador mais extraordinário da actualidade.

O seu jogo sobressai quem se defronta com ele, maravilhando todos aqueles que o viram jogar. Miguel Najdorf mostrou aos xadrezistas portugueses uma técnica que só conhecíamos pela transcrição de partidas dos grandes mestres internacionais, mas que, para nós, perdiam metade do seu valor, porque lhes faltava o espírito de competição, o palpitar do momento em que a luta se trava entre dois cérebros gigantes.

Um após outro, os «reis» dos xadrezistas nacionais foram tombando, como que esmagados no jogo envolvente e inexorável do mestre.

Nem Alekhine conseguia marcar tal impressão no espírito dos seus adversários. É que Najdorf está de posse da plenitude dos seus recursos — em grande forma, como se diz em linguagem do desporto.

É o xadrez é um desporto — um desporto intelectual. Exige nervos de aço e resistência física, quase tanta como nos desportos atléticos.

E Najdorf possui tudo isso — e mais uma capacidade de cálculo admirável, uma memória prodigiosa e uma visão de tabuleiro que não deve ser possível superar.

Quem, como Najdorf, será capaz de jogar 40 partidas de xadrez com os olhos vendados?

Ninguém, muito provavelmente. O próprio Alekhine admirou a extraordinária facanha, adivinhando no seu autor o homem que iria revolucionar o xadrez após-guerra.

A cotção de Miguel Najdorf no «firmamento» escaquístico mundial, até 1939, era pouco mais de que insignificante.

O desencadear da grande conflagração apanhou-o em Buenos-Aires, integrado na equipa da Polónia, que, juntamente com mais 27 equipas, disputava o Campeonato das Nações.

Najdorf jogou no segundo tabuleiro, tendo

defrontado Landin e Foltys, entre outros. Obteve o 1.º lugar das classificações individuais do seu tabuleiro, com a percentagem de 75%. A equipa da Polónia classificou-se em 2.º lugar, empatando com a equipa alemã, vencedora do Campeonato.

Najdorf não voltou mais à sua pátria. Miguel Najdorf, que perdeu a sua família na loqueira atada pelos nazis, reorganizou a sua vida na Argentina, como muitos outros mestres famosos, entre os quais o austríaco Eliskases, que foi campeão da Alemanha, e o saeco Stahlberg.

O Torneo de Mar del Plata, que todos os anos se realiza no famoso centro turístico, é a mais importante prova de xadrez da América Latina.

Miguel Najdorf triunfa cinco vezes consecutivas nesta magna competição do xadrez Sul-Americano!

Em Agosto deste ano, Miguel Najdorf voltou à Europa. Chamaram-no de Groningen, para participar no mais sensacional torneio de xadrez de todos eles.

Najdorf defrontou jogadores de grande classe, com que não estava acostumado a competir.

Mesmo assim, perdeu apenas 2 partidas (contra o saeco Landin e o checo Kottlaer), empatou numerosas partidas e bateu o vencedor, o russo Botvinnik.

Seguidamente, disputou os torneios internacionais de Praga e de Barcelona, obtendo estrondosos vitórias em ambos os torneios.

A caminho de Buenos Aires, onde vai tentar o seu próprio recorde de partidas «às cegas», jogando uma «simultânea» de 45 tabuleiros, Najdorf visitou Lisboa, acompanhado pelo seu colega Guimard, que também participou nos Torneios de Groningen e de Barcelona.

As suas actuações contra os xadrezistas portugueses são já do domínio público.

Ambos devem ter ficado com uma impressão bem pouco lisonjeira dos nossos jogadores, tal foi a resistência oposta. Felizmente que essa impressão não deve corresponder de todo à realidade.

Os nossos xadrezistas jogaram incrivelmente mal, é certo.

Ao desinteresse patenteado pela maioria dos nossos «mestres» nos últimos tempos, deve-se o actual nível do xadrez lisboeta.

É pena. O contraste foi assim maior — e dele não poderá advir o melhor estímulo.

Tivemos oportunidade de abordar o grande mestre, num pequeno intervalo da partida contra-relógio que jogou com os xadrezistas portugueses, em consulta, e solicitar-lhe uma entrevista-relâmpago.

Foi o torneio de Groningen que elevou Najdorf à categoria dos Grandes Mestres.

Najdorf classificou-se em 4.º lugar, com igual número de pontos que o campeão húngaro.

Teria ficado satisfeito com a sua actuação nessa grande prova dos «ases» do xadrez da actualidade?

— Sim... e não! — respondeu-nos. — Foi um torneio muito duro. Creio que podia ter feito melhor, pois devia ganhar a Tartakower, Bernstein e a Smyslov.

— E que pensa do vencedor Botvinnik?

— Neste momento, deve ser o jogador mais forte do mundo!

Curiosa esta opinião do homem que venceu o próprio Botvinnik!... Mas curiosa ainda porque Najdorf, nas vésperas do encontro, apostava 100 «florins» em como bateria o campeão soviético!!

Desejamos saber depois a opinião do genial xadrezista sobre os nossos vizinhos espanhóis.

— Têm melhorado muito, e actualmente jogam-se muito bem o xadrez em Espanha. Mas — atalhoa — não nos metem medo!!

Concluímos que Najdorf não vê, como nós, o resultado certo no recente match Espanha-Argentina, que, como se sabe, terminou com a vitória dos espanhóis por 8-7.

Quisemos não importunar mais o famoso xadrezista. Fizemos a última pergunta, que proporcionou uma desassombrada resposta, que muito nos aprez transmitir aos nossos leitores xadrezistas:

— Quais os torneios em que projecta participar?

— O Campeonato do Mundo... e hei-de ganhá-lo!

Vasco C. Santos

Stadium